

O leão devora nossa própria humanidade

Derek Allen

A confissão da leoa por Mia Couto é um romance fascinante de animismo realista, cheio de comentários profundos da natureza animalésca do ser humano, da violência e da desigualdade sexual. No romance, os bichos e os seres humanos são simbolicamente interligados na história de uma caçada “inspirada em factos e personagens reais” de dois leões que mataram vinte e seis pessoas em Moçambique em 2008 (Couto 10). Entretanto, na releitura ficcional, o mundo do romance atribui uma essência espiritual às entidades não-humanas. “Na aldeia, até as plantas tinham garras. Tudo o que é vivo, em Kulumani, está treinado morder. As aves abocanham o céu, os ramos rasgam as nuvens, a chuva morde a terra, os mortos usam os dentes para se vingarem do destino” (Couto 26).

Este animismo serve um papel importante no desenvolvimento do texto. No romance, os homens e leões tornam-se indistinguíveis uns dos outros. Arcanjo Baleiro, o contratado caçador dos leões e protagonista masculino do romance, gradualmente entende “que os mistérios que [os habitantes de Kulumani] enfrentavam eram apenas os sintomas de conflitos sociais que superavam largamente a sua capacidade de resposta” (Couto 10). No romance, os leões representam a ameaça maior ao bem estar da comunidade: os terrores da violência doméstica, a desigualdade sexual, e a servidão feminina.

Mia Couto constrói vários paralelos metafóricos entre homens e animais para ilustrar a natureza violenta e selvagem do comportamento dos homens na aldeia. Em Kulumani, as figuras masculinas agem metaforicamente como leões, ou reis da selva, que sujeitam as mulheres à servidão. Num trecho significativo, Hanifa Assulua, olhando para seu marido bêbado, comenta ao caçador, “Parece um bicho” (Couto 190). As mulheres da aldeia são figurativamente sepultadas por seus maridos e pais através do abuso físico e mental, o estupro, e a desigualdade de direitos pessoais. Segundo Hanifa Assulua, “Nós todas, mulheres, há muito que fomos enterradas... todas foram sepultadas vivas” (Couto 49).

Assim, ao longo do romance, Arcanjo descobre que os animais verdadeiros atacando Kulumani não são apenas os leões, mas os homens. São os homens que estão matando as pessoas, figurativamente e às vezes literalmente também. Contemplando a natureza animalésca do homem, Arcanjo escreve,

E penso: tudo o que, durante séculos, tão cuidadosamente construímos para nos afastar da nossa animalidade, tudo o que a linguagem recobriu com metáforas e eufemismos (o colo, o rosto, a cintura) num instante se converte na sua nua e crua substância: a carne, o sangue, o osso. O leão não devora apenas pessoas. Devora nossa própria humanidade. (Couto 214)

No romance, os leões que devoram as pessoas parecem ser a maior ameaça à aldeia, mas gradualmente o abuso doméstico revela-se como o perigo maior. Os leões não devoram apenas pessoas. Os homens de Kulumani tornavam-se leões e devoravam a humanidade dentro da aldeia. Como Arcanjo explica, “Então percebo: aqueles caçadores já não são gente. São leões. Aquelles homens são os próprios animais que pretendem caçar” (Couto 160). Mais tarde, Arcanjo também descobre a verdadeira fonte da violência através de um sonho. No sonho, Arcanjo ouve a voz de um missionário proclamar, “Não vieste para matar leão nenhum. Tu vieste para matar uma pessoa!” (Couto 183). Como demonstrado neste sonho, os leões, e os bichos em geral, representam a brutalidade selvagem da violência doméstica que realmente está devorando a sociedade. O personagem do escritor, Gustavo, também reconhece isso. Falando do serpente coxa, ou um tipo de diabo no mato, Gustavo diz, “Desculpe, meu caro administrador, mas para mim, essa serpente somos nós mesmos” (Couto 166). No romance, os homens tornam-se bichos e devoram a humanidade por atos de violência brutal.

A justaposição metafórica entre os leões e os homens não serve apenas para demonstrar as qualidades animais dos seres humanos, mas também para demonstrar o poder das mulheres. Detalhando uma aldeia em que as mulheres são vistas como escravos, o romance esforça fortalecer a posição da mulher. A primeira frase de prosa vem do diário de Mariamar e lê, “Deus já foi mulher” (Couto 15). O conceito de imaginar divindade como mulher dá Mariamar um tipo de poder que normalmente está reservado para os homens em sua sociedade. Mariamar ganha força pelas leas e a capacidade de responder à violência dos homens que as leas representam. Mais tarde, quando a Mariamar vê a leoa pela primeira vez, ela admira que é uma leoa fêmea. Ela escreve,

Todos acreditam que são leões machos que ameaçam a aldeia. Não são. É esta leoa, delicada e feminina como uma dançarina, majestosa e sublime como uma deusa, é esta leoa que tanto terror tem espalhado em todas as vizinhanças. Homens poderosos, guerreiros munidos de sofisticadas armas: todos se prostraram, escravos de medo, vencidos pela sua própria impotência. (Couto 62)

Mariamar ganha uma força imensa ao ver que a leoa é fêmea. Mariamar chama a leoa a “minha esperada irmã” (Couto 66). Esta “irmã” enche Mariamar com uma força que ela não possuía antes. Por exemplo, a primeira vez que Maliqueto tenta violar Mariamar, ela é salva por Arcanjo (Couto 58). Nessa ocasião, ela dependia na força de um outro homem. Mas logo depois de ver a leoa, Mariamar ganha sua própria força e se defende contra o estuprador, arranhando a sua cara como uma leoa (Couto 65).

Mariamar reconhece a sua própria força e potencial ao ver a leoa, “delicada e feminina” que é capaz de aterrorizar os homens. Falando da leoa, Mariamar diz, “Dir-se-ia que me reconhece. Mais do que isso: a leoa saúda-me, com respeito de irmã” (Couto 62). A leoa, capaz de defender-se e encher os homens de medo, empresta a sua força para Mariamar, uma mulher desprezada e aterrorizada. É muito significativo também que “os leões machos, nesta região, são pequenos e quase não tem juba” (Couto 66). O facto que os leões machos e fêmeas de Kulumani são muito parecidos em tamanho e juba mostra uma igualdade em força.

É esta força da leoa que dá Mariamar a capacidade de defender-se contra os ataques de Maliqueto. Como Mariamar diz, “Numa palavra, foram os animais que começaram a fazer-me humana” (Couto 96).

Embora fortelicida por esta força animalesca, Mariamar também contribui à violência doméstica. Os animais representam a capacidade de ser forte, seja para a auto-defesa ou o homicídio. Por ser tratada como um bicho, ou subumana, Mariamar começa a acreditar que ela realmente é uma leoa. Mostrando sua descida à loucura, Mariamar escreve, “Na realidade, foi o escuro que me revelou o que sempre fui: uma leoa” (Couto 253). Gradualmente, Mariamar começa a abraçar esta noção de ser um bicho. Reagindo à natureza selvagem do seu pai e os outros homens de Kulumani, Mariamar responde com sua própria forma de violência animalesca. Mariamar diz, “Talvez fosse o que eu queria: convocar os bichos para junto da casa, reinstalar a desordem da selva, converter as capoeiras em ninhos de abutres” (Couto 94). Mariamar adota a própria violência que ela já sofreu.

Adjiru nota esta capacidade dos seres humanos tornarem-se animais violentos e tenta proteger sua neta, Mariamar, deste destino. Quando Mariamar fica doente, Adjiru deseja proteger ela dentro da missão. Deste acto, Mariamar explica, “Fosse doença, fosse maldição, ele não podia ficar resignado vendo-me descer à condição dos bichos” (Couto 137). Adjiru não queria que Mariamar também se sujeitasse à violência como se fizeram os seus pais, Genito e Hanifa. No fim do romance, depois da morte dos leões, Adjiru fala para Mariamar em uma visão, “Foi a vida que lhe roubou a humanidade: tanto a trataram como um bicho que você pensou um animal. Mas você é mulher, Mariamar” (Couto 255). Há uma nova conotação à feminilidade na declaração de Adjiru. Ser mulher é poderosa. Adjiru culpa a vida pela insanidade e violência de Mariamar. Adjiru encoraja ela tornar-se humana de novo e abandonar a mentalidade da leoa, porque foi esta atitude animalesca que levou Mariamar a matar as suas irmãs (Couto 259).

A confissão da leoa não apenas mostra a natureza animalesca dos seres humanos, mas também como os homens tratam as mulheres como bichos, ou animais de estimação. Depois da morte de sua filha, Hanifa deseja almadioçar a aldeia. O leitor aprende mais tarde que a verdadeira causa de sua raiva é o seu marido, Genito, quem é o verdadeiro assassino de sua filha. No meio de sua raiva, Genito ameaça Hanifa, “Vou atá-la com uma corda, como se faz com os bichos.” Hanifa responde, “Pois me amarre. Há muito que sou um bicho. Há muito que você dorme com um bicho na sua cama” (Couto 20). Hanifa também refere a si mesma como o terceiro leão ou “a leoa que resta” (Couto 270). É o tratamento de Genito e os outros homens de Kulumani que transforma as mulheres em leoas, criaturas violentas.

O romance mostra como as circunstâncias da vida podem corromper os seres humanos e exacerbar as tendências animalescas. Couto explica o surgimento de leões comedores de pessoas (e pessoas que agem como leões) assim, “Aqueles leões não emergiam do mato. Eles nasceram do último conflito armado. Repetia-se, agora, a mesma desarrumação de todas as guerra: as pessoas tornaram-se animais e os animais tornaram-se gente” (Couto 119). Por causa da guerra civil, os leões começaram a comer os corpos que jaziam mortos na rua. A distinção entre o homem e o animal foi apagada. Através desta metáfora, Couto sugere que

a guerra afetou as atitudes culturais em relação à violência. O romance descreve o horror da guerra civil e a violência desenfreada. “Durante as batalhas, cadáveres foram deixados no campo, nas estradas. Os leões comeram-nos. Naquele preciso momento, os bichos quebraram o tabu: começaram a olhar as pessoas como presas” (Couto 119). A guerra perpetuou a violência e criou homens-leões. E a servidão aos homens criou mulheres-leoas.

Além da guerra civil, o romance também detalha uma guerra baseada no gênero em que as mulheres lutam para sobreviver num mundo dominado pelos homens. Quando Mariamar volta da missão para casa, ela menciona a paz ao fim da guerra civil. Hanifa responde, “Talvez para eles, os homens...Porque nós mulheres, todas as manhãs continuamos a despertar para uma antiga e infundável guerra...nós tivemos de sobreviver aqui” (Couto 147). A guerra sexual, cheia de violência sem fim, perdura ao longo do romance. *A confissão da leoa* mostra como os personagens são afetados pelas guerras e à violência em torno deles.

Por causa do abuso que Mariamar experimentava ao longo da vida, ela também foi vítima da doença mental e explosões de violência. Mariamar torna-se insana depois de ser violada por seu pai. Mariamar descreve o estupro como um “pesadelo” (Couto 200). A sua esforço para suprimir as memórias terríveis resulta na insanidade.

O inacreditável era que, no momento da violação, eu me exilava de mim, incapaz de ser aquela que ali estava, por baixo do corpo suado de meu pai. Um estranho processo me fazia esquecer, no instante seguinte, o que acabara de sofrer. Essa súbita amnésia tinha uma intenção: eu evitar ficar orfã. Tudo aquilo, afinal, sucedia sem chegar nunca a acontecer: Genito Mpepe desertava para uma outra existência e eu me convertia numa outra criatura, inacessível, inexistente. (Couto 200)

Mariamar perde a mente no esforço de esquecer a realidade. Ela se torna uma leoa, ou “outra criatura, inacessível, inexistente” (Couto 200). Esta “criatura” é violenta. Mariamar justifica o assassinato de suas irmãs por dizer, “Nunca cheguei a matar ninguém. Todas essas mulheres já estavam mortas” (Couto 259). Mariamar também explica que matou as suas irmãs pequenas para proteger elas da violação que ela sofria. “Foi melhor que essas meninas nunca tivessem crescido. Porque elas só se sentiriam vivas na dor, no sangue, na lágrima” (Couto 259).

As experiências de Mariamar mostram os efeitos graves da violência e a capacidade do abuso físico de causar doenças mentais e perpetuar a violência. Os resultados de uma pesquisa por Tricket et al. mostra os danos físicos e psicológicos do abuso para as vítimas, e também para seus filhos:

[Sexually abused females] differ in their interpersonal and sexual behaviors and social networks. They are biologically changed with lower resting levels of cortisol, asymmetrical stress responses, and abnormal physical development including increased rates of obesity and earlier onsets of puberty. They have cognitive deficits in fluid and crystallized abilities. They think about things differently, especially sex. They are more likely to be depressed, to have PTSD and dissociative symptoms, to be physically and sexually revictimized, to be involved with an abusive partner, to become a teen mother and to have a premature baby. They are more likely to engage in self-mutilation, risky sexual

activity, abuse drugs and alcohol, experience more lifetime traumas, fail to complete high school, and qualify for at least one DSM diagnosis. As parents, they place their children at increased risk for abuse and neglect and overall maldevelopment as they repeat generational patterns of abuse, neglect, and family dysfunction. (16)

Obviamente, os efeitos do abuso e estupro são inúmeras e graves. A Mariamar exemplifica muitos desses efeitos traumáticos. Ela perpetua a violência e sucumbe à doença mental.

Outros estudos de violência doméstica também mostram uma forte ligação entre o abuso e o suicídio. Uma pesquisa realizada por Devries et al. revela uma alta prevalência de pensamentos e tentativas suicidas entre mulheres que foram vítimas da violência. Segundo Devries et al., há uma grande necessidade de priorizar a violência nas estratégias de redução de suicídio para as mulheres (85). Devries et al. também declara que, “Resources must be allocated to preventing violence against women and mitigating its consequences in order for the mental health needs of women to be effectively addressed” (85).

Em uma outra meta-análise, Wolfe et al. (2003) concluiu que as crianças que foram abusadas e expostas à violência doméstica tinham níveis mais elevados de problemas emocionais e comportamentais do que crianças que só tinham sido expostas à violência doméstica. Assim, as crianças que são ambas vítimas de violência e que testemunham a violência doméstica podem ser particularmente vulneráveis a desenvolver sintomas psicopatológicos (Maikovich 1498). Mariamar, que foi violada e abusada, representa um demográfico sem voz com níveis de alto risco de desenvolver a doença mental.

Como o romance mostra, a violência doméstica é um problema sério, extremamente comum e raramente abordado. Em África do Sul, entre Abril de 2006 e Março de 2007, dois anos antes do período da narrativa, “a total of 52,617 cases of rape were reported, of which 7% were successfully prosecuted” (Mogale et al. 580). Esta estatística mostra que a violência doméstica não é apenas um problema em Moçambique, mas é uma epidemia mundial. Mais importante ainda, mostra que a violência contra as mulheres é uma crise silenciosa. As vítimas de abusos muitas vezes não são nem ouvidos nem reconhecidos nem protegidos pela lei. Como declara a Hanifa Assulua, “uma mulher, aqui, não é ninguém...” (Couto 192). Isso acontece porque a violência passa em lugares secretos, onde o homem reina sobre a casa como o rei da selva.

Os homens perpetuam a natureza sossegada de seus crimes, ordenando as mulheres a permanecer em silêncio. A atitude masculina de Moçambique mostra-se através do romance na manda às mulheres permanecer “enclausuradas, longe dos que iriam chegar” (Couto 49). Mariamar lamenta, “Mais uma vez nós éramos excluídas, apartadas, apagadas” (Couto 49). Os homens esforçam apagar as mulheres e assim também silenciar as suas confissões de condenação. Mia Couto também mostra esta natureza quieta da violência doméstica analogamente por referir à um “documento forjado”. Esta falsificação pode também representar a atitude popular em relação a violência e o desejo de manter as aparências de tranquilidade. “É o que fazemos nós, os subordinados. Nunca dizemos que há um problema” (Couto 179). O povo de Kulumani esforça esconder os seus problemas e “forjar” uma situação doméstica feliz.

A violência doméstica é um problema comum que é silenciosamente ignorado pelo mundo inteiro e não apenas a África. Nos Estados Unidos, estima-se que 10 milhões de crianças testemunham a violência doméstica em suas casas cada ano (Maikovich et al. 1498). E “The National Child Abuse and Neglect Data System” reportou um total de 69,184 casos de abuso sexual nos Estados Unidos em 2008 (Tricket et al. 18). Obviamente, a violência doméstica e o abuso sexual são predominantes não apenas na África, mas no mundo inteiro. Infelizmente, esses problemas estão silenciosamente ignorados porque suas vítimas são escravizados dentro de suas próprias casas. No romance, *A confissão da leoa* há um comentário sutil na natureza da violência doméstica no nome do policial que tenta estuprar a Mariamar: “Maliqueto,” ou “mal” e “quieto.” O estupro e a violência são assim. O abuso frequentemente acontece silenciosamente dentro da casa. No romance, *Genito*, o maior vilão de todos, explica o abuso nesta maneira, “São coisas nossas. Vocês sabem: aqui não há polícia, não há governo, e mesmo Deus só há às vezes” (Couto 153). Em Kulumani, os homens, como *Genito*, controlam tudo e silenciam as mulheres até dentro da própria casa—um espaço que deve ser um refúgio do mundo mas que frequentemente representa uma prisão. Quando Mariamar volta da missão para a casa ela se sente como uma “prisioneira que regressa à cela” (Couto 147). Os crimes contra as mulheres ocorrem em segredo, na escuridão da casa. Como Mariamar escreve, “Nós, mulheres, permaneceremos na penumbra” (Couto 90).

A confissão da leoa serve para sensibilizar e informar os leitores a respeito das verdades domésticas e remover a violência doméstica da “penumbra”. O livro realmente é a confissão da *mulher*. Como escreve Mariamar, “Num mundo de homens e caçadores, a palavra foi a minha primeira arma” (Couto 97). Ao contar a sua história e dar voz aos silenciosos, Mariamar informa os leitores sobre a verdadeira natureza do abuso e as mulheres oprimidas. Este tema se repete na citação, “Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas da caça” (Couto 11). Até que as mulheres criem suas próprias histórias nunca serão as heroínas da narrativa. É preciso que as mulheres contem suas próprias histórias e detalhem seu sofrimento.

Este romance fornece personagens femininas fictícios, (baseados em pessoas reais), uma oportunidade para contar suas histórias. O romance contém um Provérbio de Senegal que declara que, “O verdadeiro nome da mulher é ‘Sim’” (Couto 47). Na África, a mulher está esperada ser obediente aos ordens de seu marido, dizendo sempre “sim.” Nesta cultura, as mulheres não tem a capacidade de falar, agir, ou pensar por si mesmas. Este romance rejeita este provérbio e dá voz as mulheres. *A confissão da leoa* é a testemunha da mulher desprezada em Moçambique.

Os esforços para fazer mudanças na eliminação da violência doméstica são complicadas por normas culturais que toleram e perpetuam a violência contra mulheres e crianças. Examinando o “Domestic Violence Act” em Zimbábue, a pesquisa de Makhamadze et al. encontrou que a cultura Shona, praticada por 80% da população da nação encoraja as mulheres a ser “obedient and submissive housekeepers” (710). Dentro da cultura do Zimbábue, “women are constantly defined in relation to men and as dependent and subordinate to them as well” (Makhamadze 710). Esta mesma mentalidade está extremamente prevalente

no resto da África, e examinada em detalhe no romance. Em Zimbábue, a violência doméstica está aceita culturalmente e as estimativas de pesquisa indicam que 33% das mulheres de Zimbábue são vítimas de violência doméstica (Makahamadze et al 710). A cultura zimbabuana “does not consider slapping, beating up, or verbal attacks as domestic violence . . . battering was the traditional way of dealing with a misbehaving wife. Should a woman run to her family for refuge, she may be returned to her abusive husband, or beaten again, then returned” (Makhamadze 710–11). É preciso ter uma mudança nas atitudes culturais antes que qualquer lei poderá reduzir a violência eficazmente. A literatura ajuda a legislatura neste combate contra a cultura e mentalidade popular.

Às vezes a ficção tem a capacidade de ser “mais verdade” por dar um contexto relacionável ao leitor. Couto também demonstra este conceito. Ele escreve, “Viu leões em safaris fotográficos, mas você não sabe o que é um leão. O leão só se revela, em verdade, no território em que ele é rei e senhor. Venha comigo a pé pelo mato e saberá o que é um leão” (Couto 70). Esta passagem pode ser lido como um convite ao próprio leitor. O leitor pode já saber que a violência doméstica existe. Mas ao andar “a pé pelo mato,” (lendo e interagindo com os abusadores e as suas vítimas), o leitor chega a “saber o que é um leão,” e entender a verdadeira natureza do abuso. Kulumani é um lugar onde existe uma hierarquia baseada no sexo.

Couto desafia o sistema de tratar as mulheres como bichos—ou seres “inferiores”. Couto escreve, “Onde os homens podem ser deuses, os animais podem ser homens” (Couto 149). Mariamar representa este desejo de derrubar o sistema injusto de escravidão sexual. Mariamar anseia por mais do que a sua sociedade concede. Ela lamenta, “Sou mulher, o meu destino nunca poderia ser a viagem” (Couto 55). Não há “viagem” para as mulheres moçambicanas, ou capacidade de melhorar a sua posição social ou atingir sonhos. Os homens de Kulumani apagam os sonhos das mulheres, submetendo elas à dominação patriarcal. “E quem deixa de ter esperas é porque já deixou de viver” (Couto 61). É por isso que Hanifa (e Mariamar) sugerem que todas as mulheres foram sepultadas vivas. Seus sonhos foram roubados por leões.

A fim de demonstrar a mentalidade leonina dos homens, Couto metaforicamente utiliza o animismo africano para denunciar a violência doméstica e comunicar as “confissões” das leoas oprimidas. A animalidade dos homens está no centro do romance com a intenção de dar voz às silenciosas. *A confissão da leoa* é uma testemunha das mulheres suprimidas por homens-leões contra as injustiças de uma cultura que tolera e esconde o abuso sexual e físico. Este romance tira a mulher da sombra e transmite a sua confissão aos leitores. As leoas confessam que são poderosas e que têm histórias para contar. O livro adverte-nos contra a nossa animalidade. Couto avisa, “O leão não devora apenas pessoas. Devora nossa própria humanidade” (Couto 214). A história trágica de Mariamar demonstra as conseqüências terríveis da violência doméstica e adverte contra a mentalidade do leão. Ao ler *A confissão da leoa*, o leitor “sabe agora o que é um leão. E sabe melhor o que é um homem” (Couto 248). Ainda podemos escolher ser pessoa ou animal. Como Adjiru aconselhou Mariamar, “Tanto a trataram como um bicho que você pensou um animal. Mas você é mulher, Mariamar” (Couto 255). Como leitores, lembremo-nos a nossa humanidade. Sejamos homens e mulheres, e não leões.

Obras Citadas

- Couto, Mia. *A confissão da leoa*. Alfragide: Caminho, 2012. Print.
- Devries, Karen, Charlotte Watts, Mieko Yoshihama, Ligia Kiss, Lilia Blima Schraiber, Negussie Deyessa, Lori Heise, Julia Durand, Jessie Mbwambo, Henrica Jansen, Yemane Berhane, Mary Ellsberg, and Claudia Garcia-Moreno. "Violence Against Women is Strongly Associated with Suicide Attempts: Evidence from the WHO Multi-country Study on Women's Health and Domestic Violence Against Women." *Social Science and Medicine* 73.1 (2011): 79–86. Web. 13 April 2014.
- Maikovich, Andrea Kohn, Sara R. Jaffee, Candice L. Odgers, and Robert Gallop. "Effects of Family Violence on Psychopathology Symptoms in Children Previously Exposed to Maltreatment." *Child Development* 79.5 (2008): 1498–1512. Web. 14 April 2014.
- Makahamadze, Tompson, Anthony Isacco, and Excellent Chireshe. "Examining the Perceptions of Zimbabwean Women about the Domestic Violence Act." *Journal of Interpersonal Violence* 27.4 (2012): 706–27. Web. 14 April 2014.
- Mogale, Ramadimetja S., Kathy Kovacs Burns and Solina Richter. "Violence Against Women in South Africa: Policy Position and Recommendations." *Violence Against Women* 18.5 (2012): 580–94. Web. 13 April 2014.
- Trickett, Penelope K., Jennie G. Noll, and Frank W. Putnam. "The Impact of Sexual Abuse on Female Development: Lessons from a Multigenerational, Longitudinal Research Study." *Development and Psychopathology* 23.2 (2011): 453–76. Web. 15 April 2014.